



© Odara - Instituto da Mulher Negra

Financiamento International Women's Health Coalition (IWHC)

**Equipe Técnica**

**Coordenadora do Projeto**

Emanuelle Freitas Góes

Coordenadora do Programa de Saúde do Odara

**Revisão e Organização**

Midiã Noelle Santana

Consultora de Comunicação

**Logística**

Danielle Bitencourt

Auxiliar Administrativo do Odara

**Módulo Racismo**

Valdecir Nascimento

Coordenadora Executiva do Odara

**Módulos Direitos Reprodutivos e Promoção à Saúde**

Anna Carolina da Cruz

Psicóloga

**Módulo Igualdade de Gênero e Direitos Sexuais**

Jessica Ipólito

Graduanda em Estudos de Gênero e Diversidade

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Duo Design

**Fotos:** acervo Odara – Instituto da Mulher Negra

e Ueslei Marcelino/UNICEF Brasil.

# PELAS VIDAS DAS MULHERES NEGRAS

Guia para abordagem sobre a  
epidemia do zika vírus



*ODARA – Instituto da Mulher Negra foi fundado em agosto de 2010 e é uma organização feminista negra com a missão de combater o racismo, o sexismo, a lesbofobia e desenvolver estratégias de garantia de direitos para o “Bem viver” das Mulheres Negras no nordeste. Além da luta permanente pela superação em nível pessoal e coletivo da violência racial e do preconceito, busca incessantemente alternativas que proporcionem a inclusão sociopolítica e econômica das mulheres negras e seus familiares na sociedade.*

*O Instituto surgiu a partir das especificidades do ser mulher e negra numa sociedade estruturada pelo racismo, sexismo e outras formas de opressão, que se interseccionam produzindo um conjunto de desvantagens. Metodologicamente a proposta do Instituto Odara privilegia a participação de mulheres negras jovens e adultas em ações de formação, educação, mobilização e promoção da garantia de direitos, visando o seu empoderamento econômico, social e político, no sentido de romper com o quadro de iniquidade que envolve as mulheres e jovens, motivada por suas condições de negras, lésbicas, pobres, mulheres com deficiência e soropositivas ou vivendo com HIV/AIDS.*

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>Por que um guia? E como utilizá-lo?</b>	<b>9</b>
<b>Zika e racismo</b>	<b>11</b>
<b>Zika e os direitos reprodutivos</b>	<b>19</b>
<b>Zika e promoção da saúde</b>	<b>33</b>
<b>Zika, igualdade de gênero e direitos sexuais</b>	<b>39</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>47</b>



# Apresentação

O Brasil vive na atualidade as consequências de uma epidemia causada através de um vírus transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti*, também responsável pela transmissão de outros vírus como Dengue, Chikungunya e Febre Amarela, que hoje temos vacina para combater. Ao longo dos anos o país vem criando estratégias de enfrentamento do vetor sem obter sucesso, não havendo, por exemplo, a redução da transmissão do vírus da Dengue, com epidemias recorrentes anualmente. Muitas são as razões que podem explicar as dificuldades de controle do Dengue e das outras arboviroses transmitidas pelo Aedes, porém, certamente, a ausência de serviços básicos de saneamento básico (como encanamento, distribuição de água e etc) e a falta de atendimentos e serviços da área de saúde, são fatores a serem considerados. Ou seja, é uma ação preventiva. Com essas medidas de promoção e prevenção o país poderia reduzir a proliferação do Aedes e o adoecimento da população.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar dos avanços no Brasil, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, ainda apresentam um percentual menor de saneamento básico em comparação as regiões Sul e Sudeste. Essa disparidade se reflete na propagação do Zika vírus, com maior prevalência no Nordeste do Brasil, especificamente, nos estados da Bahia e Pernambuco. Além do mosquito transmitir o vírus para pessoa, testes comprovaram que a transmissão também pode ocorrer por relações sexuais.

Outra questão que gerou e gera muitas discussões é o fato de que, se uma mulher estiver nos meses iniciais de gestação e for infectada, o vírus pode ser transmitido para o feto. Como consequência, o bebê pode vir a desenvolver síndrome congênita da Zika, como por exemplo, a microcefalia.



## PELAS VIDAS DAS MULHERES NEGRAS

A epidemia do Zika Vírus e outras arboviroses são resultado das desigualdades sociais no Brasil que tem um viés de raça, sexo e região. Essas desigualdades determinam as condições de vida das populações e no que se refere à situação mais precária de saúde, são mulheres negras do nordeste as mais expostas. Em menção a um trecho destacado em um boletim da ONG Criola, o descumprimento do direito a comunidades saudáveis, com o fornecimento regular de água e coleta adequada de lixo é o que está por trás das seguidas epidemias de Dengue nos últimos 30 anos no Brasil e da proliferação do Zika.

E, com isso, os direitos reprodutivos dessas mesmas mulheres também são menos garantidos, pois são as mulheres negras do nordeste que menos têm acesso ao serviço de planejamento reprodutivo e ao pré-natal de qualidade. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde revelam que 48% das mulheres negras faziam uso algum método contraceptivo em suas relações sexuais, enquanto as mulheres brancas do sudeste e sul representam 67,3% e 74,5% respectivamente.



Considerando todas estas questões e a partir das experiências de trabalho vivenciadas pelo ODARA – Instituto da Mulher Negra durante o período do surto e, posteriormente, no convívio com as mulheres afetadas pela epidemia, a ONG elaborou o **“Pelos vidas das mulheres negras: guia para abordagem sobre a epidemia do Zika vírus”**, com financiamento da International Women’s Health Coalition (IWHC). O objetivo principal da publicação é auxiliar ações com foco no empoderamento de mulheres negras que estão ou tiveram seus projetos de vida negados, negligenciados e/ou afetados em decorrência do surto do mosquito *Aedes Aegypti* e, sobretudo, o Zika vírus.

## Por que um guia? E como utilizá-lo?

O "Pelos vidas das mulheres negras: guia para abordagem sobre a epidemia do Zika vírus" tem como objetivo ser utilizado por ONGs, redes e coletivos de mulheres negras do Brasil, sobretudo no Nordeste, região a mais afetada pela epidemia do Zika vírus, no intuito de contribuir nas estratégias de promoção de direitos das mulheres negras e, majoritariamente pobres, afetadas pelo surto no país. A publicação conta com capítulos referentes aos seguintes temas: racismo, direitos reprodutivos, promoção da saúde, igualdade de gênero e direitos sexuais. Os conteúdos podem ser utilizados em oficinas, facilitações, rodas de diálogos e demais capacitações e atividades em comunidades em situação de vulnerabilidade social, econômica, ambiental, entre outros tipos de violação de direitos. Há metodologias que podem ser aplicadas por qualquer pessoa, sobretudo lideranças comunitárias e integrantes de movimentos sociais.

O guia foi feito por mulheres negras para mulheres negras e tem como base a orientação, empoderamento e conhecimento sobre direitos humanos. As mulheres negras foram e são as principais vítimas deste surto ocorrido em 2016. Para garantir o desenvolvimento das suas vidas no que tange, sobretudo, os aspectos emocionais e psicológicos, elas precisam ter a noção completa sobre como a proliferação do mosquito gera uma série de questões impactantes às suas vidas e de que elas não podem ser culpabilizadas por terem tido o vírus na gestação, tampouco pelo nascimento de bebês com alguma malformação congênita.



# Zika e racismo

Valdecir Nascimento

*“Chamamos de Racismo Ambiental às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre etnias e populações mais vulneráveis. O Racismo Ambiental não se configura apenas através de ações que tenham uma intenção racista, mas, igualmente, através de ações que tenham impacto “racial”, não obstante a intenção que lhes tenha dado origem. (...) O conceito de Racismo Ambiental nos desafia a ampliar nossas visões de mundo e a lutar por um novo paradigma civilizatório, por uma sociedade igualitária e justa, na qual democracia plena e cidadania ativa não sejam direitos de poucos privilegiados, independentemente de cor, origem e etnia” (Pacheco: 2007)<sup>1</sup>*

**A** iniciativa “Mais Direitos, Menos Zika”, idealizada pelo UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, em parceria com redes e organizações da sociedade civil, mobilizou a comunidade negra para enfrentar a epidemia do Zika vírus. Trouxe para o centro dos debates a questão racial, afirmando que a leitura sobre o racismo ambiental deve ser o eixo norteador das reflexões a fim de possibilitar uma leitura real dos determinantes da epidemia e

1 PACHECO, Tania. 2007. “Inequality, Environmental Injustice, and Racism in Brazil: Beyond the Question of Colour”. In: Development in Practice. Aug.2008, Vol.18(6). Versão em português disponível em [http://www.justicaambiental.org.br/\\_justicaambiental/pagina.php?id=1869](http://www.justicaambiental.org.br/_justicaambiental/pagina.php?id=1869), sob o título “Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: uma luta que transcende a cor”.

entender as condições de vulnerabilidade social que alguns grupos específicos experimentam. Ou seja, é ir além das consequências e poder entender por que estes fenômenos acontecem em algumas regiões do país e não em outras. E nas cidades, porque acontecem epidemias dessa natureza em alguns bairros e não em outros. As reflexões aprofundadas têm a função de desconstruir a criminalização perversa do Estado e da mídia que nas suas propagandas responsabilizam as comunidades e as mulheres por descuidar dos descartes do lixo, de pôr fim aos criadouros...

A população negra brasileira experimenta cotidianamente ações de racismo ambiental. De forma prática, no Brasil acontecem diversos exemplos quase diários de racismo ambiental no qual o preconceito contra etnias ocorre de forma disfarçada, pois a população atingida desconhece os determinantes e não percebe imediatamente o processo de exclusão estruturado, o que se configura como segregação social/racial, muitas vezes aplicada pelo próprio poder público. Sabiam que para homens e mulheres negros sempre reservaram os rincões mais inóspitos do país?

As comunidades negras são expostas à poluição, infestação de ratos, insetos, mosquitos, baratas e esgotos a céu aberto, pela falta de políticas públicas de infraestrutura urbana que assegure o bem-estar e o direito à moradia para essas famílias, o que representa algo que prejudica de forma direta a saúde humana. Além da violência policial, da falta de segurança, sofrem com a ausência de um sistema de coleta de esgoto e não contam com estações de tratamento. Nas comunidades negras de Salvador, grande parte dos volumes coletados são lançados diretamente em valas a céu aberto ou em corpos hídricos, expondo os habitantes das cidades a diversas doenças. Outro aspecto relacionado com o racismo ambiental são as requalificações urbanas na capital urbana, por exemplo, que muitas vezes impactam diretamente sobre essas populações que são obrigadas a se deslocarem para áreas distantes, sem nenhuma infraestrutura. São áreas de risco de inundações e desabamentos: encosta e morros, expostos a produtos tóxicos e lixões, sem garantir a proteção e segurança das suas vidas

e da sua saúde. Ou ainda vão morar nas ruas em função de conflitos de interesses empresariais e econômicos, e sua vilã: a especulação imobiliária.

Destaco que essas populações que são colocadas em situação de vulnerabilidade e exclusão não relacionam a precária situação em que vivem ao descaso e ao preconceito que permeia a cabeça dos gestores racistas que estão preocupados em assegurar o privilégio de uma minoria dirigente em detrimento de uma maioria que são os trabalhadores e trabalhadoras produtores/as da riqueza deste país.

A mentalidade escravocrata e racista que estrutura o pensamento dos dirigentes dos municípios, da mídia branca e excludente é de responsabilizar a população excluída pelas condições de miséria e desigualdade em que vivem, buscando convencê-los de que são os responsáveis pelas péssimas condições de vida, pela falta de água tratada, pelos esgotos a céu aberto e pelo excesso de lixo que ficam espalhados diuturnamente em suas comunidades, criando estereótipos negativos entre os próprios excluídos, que os criminalizam. Muitas dessas áreas em que vivem a população negra, indígenas e ribeirinhas é fruto de ocupações irregulares que ocorrem em função da expulsão dessas famílias das áreas rurais que são ocupadas e invadidas pelos grandes fazendeiros, indústrias e/ou empresas de exploração de minérios e etc.

Ao identificar que a principal forma de prevenção é o combate ao mosquito e eliminando os criadouros de forma coletiva com a participação comunitária – e a cobrança e fiscalização dos órgãos públicos para estruturação de políticas públicas efetivas para o saneamento básico e o uso racional de inseticidas – que o Odara - Instituto da Mulher Negra mobilizou as comunidades em torno da campanha “Mais Direitos, Menos Zika”.

O grande problema é que o mosquito transmissor do Zika é o *Aedes aegypti*. O mesmo que transmite a Dengue, Chikungunya e Febre Amarela. E como todos

sabem, este mosquito está espalhado em todo o território brasileiro. O Zika vírus, a Chikungunya e a Dengue são consideradas doenças tropicais, que encontram aqui em nosso país um ambiente ideal para se proliferar, pois além das condições ambientais, os bairros populares e as comunidades rurais, são locais que se encontram em total abandono, principalmente na região nordeste, onde os descasos dos gestores com a infraestrutura é o que prevalece. Segundo o Instituto Nacional do Semiárido *“Das 14 milhões de pessoas que moram nas áreas urbanas dos 1.135 municípios do Semiárido brasileiro, cerca de dez milhões (71%) não são beneficiadas com coleta de esgoto sanitário, destinando os dejetos gerados em fossas, sumidouros, valas abertas ou diretamente nos rios”*. Esses dados são alarmantes! Como conter o alastramento dessa epidemia apenas com o controle e com as ações das comunidades, se os gestores não se responsabilizam e se comprometem a sanar os problemas de infraestrutura?

## Metodologias sugeridas

Oferecer informações sobre práticas metodológicas que auxiliem na formação política das comunidades atingidas pela epidemia do Zika vírus, a fim de identificar o papel social da comunidade e de instrumentalizar a população para exigir dos gestores públicos a implementação urgente de políticas públicas de saneamento básico, coleta seletiva e sistemática dos resíduos sólidos e tratamento dos mesmos.

No contexto da síndrome do **Zika** Vírus as Oficinas sobre racismo, preconceito e discriminação, racismo ambiental<sup>3</sup> e institucional exige metodologias capazes de ampliar a percepção da comunidade para identificar a lógica racista que

---

2 Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/sistema-de-esgoto-nao-chega-70-da-populacao-do-semiarido>

3 Racismo Ambiental é o aprofundamento da estratificação de pessoas (raça, cor e etnia) e de lugar (nas cidades, bairros periféricos, áreas rurais entre outros).

orienta os gestores públicos, que não investe em políticas de atenção básica, prevenção e cuidado das comunidades negras, de políticas públicas de saneamento básico, coleta dos resíduos sólidos e lixo, diferenciando o tratamento para os bairros nobres.

O Círculo é uma das estratégias metodológicas utilizada a fim de assegurar um maior envolvimento e participação de todas num grupo de discussão ou em uma roda de conversa. Este formato coloca todas as participantes no mesmo nível, possibilitando que todas se vejam, se percebam e interajam, interpretando as linguagens corporais e as trocas de olhares, construindo assim conexões, identificações e criando interação entre as participantes e a facilitadora, deixando todas à vontade. A atividade inicia com exercícios de respiração, alongamento e reconhecimento do espaço (cerca de 5 minutos) ao mesmo tempo em que o chão por onde circulam está repleto de fotografias e imagens diversas. As participantes são orientadas a observar as imagens enquanto respiram, circulam e se alongam. Os exercícios servem para concentração, a identificação das imagens e fotos convida e anuncia o início das atividades. É necessário que cada participante informe a imagem que mais impactou, chamou atenção ou se identificou. De posse da imagem, as participantes se apresentam, falam sobre a sua expectativa com a formação e o que mais as tocou na imagem escolhida.

As atividades têm por finalidade aguçar a percepção, ajudar na interpretação e capacidade de conexão com a realidade. Da mesma forma quando utilizamos um vídeo, ou esquete para iniciar a reflexão sobre o tema proposto. Refletir sobre o racismo, discriminação racial e preconceito com a comunidade exige paciência e sabedoria no momento da abordagem dos temas, pois, a reação é afirmar ***“que nunca sofreu racismo”, “que os próprios negros é que são racistas” ou “que somos todos humanos e filhos de Deus”***. Além de tocar em pontos sensíveis para a maioria das participantes, mexe em feridas que estão abertas. Portanto, é necessário criar um ambiente de confiança e diversificar as estratégias metodológicas para manter o diálogo e não fugir do tema.

Em caso de baixa participação é possível trazer algumas perguntas para dinamizar o trabalho do grupo e aumentar o envolvimento. Exemplo: ***qual a relação entre a Síndrome Congênita do Zika Vírus, Saneamento Básico e o Racismo? Por que a epidemia só ocorre nos bairros pobres? Por que não existe uma política de coleta de lixo regular nos bairros?*** Essas questões têm como finalidade levar o grupo a refletir, fazer comparações e observar como são tratados os esgotos, regularidade nas coletas de lixo, a situação do bairro em período de chuvas e etc.

Durante a roda de conversa é positivo trazer a história do bairro, os aspectos culturais, econômicos, a resistência e as lutas que foram travadas para manter a comunidade de pé, viva, destacar as figuras que iniciaram na comunidade, as mais antigas, as parteiras, as rezadeiras, as que contribuíam e ajudavam, as que toda comunidade respeita. Em contraponto é preciso questionar a visão da mídia e dos veículos de comunicação sobre a comunidade. Todos esses aspectos elucidam e revelam os olhares racistas e discriminatórios sobre aquela população.

Faz-se necessário expandir a visão sobre a importância do povo africano e de seus descendentes na Diáspora<sup>4</sup>, com o objetivo de fortalecer os laços de pertencimento, orgulho e autoestima. Ao tratar da questão do racismo, discriminação e preconceito, além dos recursos audiovisuais, imagens, poemas, fragmentos de textos, reportagens de jornais e trazer para reflexão os casos emblemáticos é fundamental trazer informações sobre os africanos, sua história, as riquezas, a tecnologia, o desenvolvimento experimentado antes de qualquer continente do mundo, fazer a conexão com os africanos em vários lugares do mundo, evidenciar a riqueza e o modelo civilizatório trazido para o Brasil.

---

4 A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno histórico e social caracterizado pela imigração forçada de homens e mulheres do continente africano para outras regiões do mundo. Esse processo foi marcado pelo fluxo de pessoas e culturas através do Oceano Atlântico e pelo encontro e pelas trocas de diversas sociedades e culturas, seja nos navios negreiros ou nos novos contextos que os sujeitos escravizados encontraram fora da África. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>

Por fim, precisamos informar que a população negra brasileira é maior que a dos brancos, os dados das desigualdades, da violência e da exclusão, como também, devem ilustrar as informações, as figuras ilustres na literatura, nas ciências, nas artes, na área jurídica em todos os campos de atuação e reafirmar que a população negra é a maior produtora das riquezas do país e que o racismo é quem desestrutura e viola todos os Direitos Humanos da população negra, por isso precisam exigir os seus direitos e organizar e exigir políticas de saneamento básico e controle da epidemia do **Zika** Vírus que atinge preferencialmente a população mais vulnerável.

## Material Audiovisual de Apoio

- “Eu posso tocar no seu cabelo?” (2017) - Vídeo da Associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN) sobre representatividade e identidade a partir dos cabelos de mulheres negras.
- Vista Minha Pele (2003) – Filme de ficção de Joelzito Araújo que mostra uma menina branca passando por tudo o que passa uma menina negra.

## Outras referências:

- Utilizar a canção “O Meu Lugar”, de Arlindo Cruz
- Usar fragmentos dos textos da escritora Carolina Maria de Jesus, da publicação Quarto de Despejo
- Livro Saúde da População Negra
- Vídeos do PCRI (Programa de Combate ao Racismo Institucional)



# Zika e os direitos reprodutivos

Anna Carolina Cruz

Liberdade talvez seja uma palavra chave que se faz presente em várias etapas de nossas vidas. Seria uma amizade inseparável entre o desejo e a sua realização, algo que parece ser bastante difícil de alcançar, mas que mesmo assim, não deixa de surgir em nossos pensamentos.

Muitas das etapas conquistadas durante a vida podem envolver o alcance da liberdade, a exemplo: o desejo de completar maioridade, ou o sonho de morar sozinha, ganhar seu próprio salário, entre outros. Mas a busca pela autonomia não se faz apenas nas conquistas pessoais. O bem-estar físico, psíquico e social é necessário para que os desejos possam ser realizados. Se pensarmos nos grupos de pessoas que estão em condições de vulnerabilidade, quantas histórias de luta você poderia encontrar? E essa luta seria para alcançar o quê? Imagine uma história de três mulheres de uma mesma família, mas com idades diferentes. De modo geral, todas elas almejavam poder viver e se expressar com liberdade, sem correr o risco de perder seus direitos enquanto seres-humanos. Mas, se pensarmos de forma geral, será que as pessoas podem se expressar livremente? Atualmente sentimos uma maior facilidade em posicionar nossas ideias e a liberdade de expressão se constitui enquanto direito, ou seja, todas as pessoas podem fazê-lo. Mas, e quando a forma de expressão de uma pessoa machuca outra?

Infelizmente há uma grande dificuldade em executar a liberdade de expressão junto ao respeito ao próximo e às diferenças. De certo modo, os movimentos so-

ciais aparecem como forma de melhorar as condições de vida de grupos da população que não se sentem respeitados na sua existência. As pessoas negras, as mulheres, as crianças, os idosos, entre diversos outros grupos vêm buscando formas de se organizar para conseguirem acessar seus direitos e adicionar novos elementos aquilo que já estava estabelecido. Para isso se faz necessário lidar com uma série de fatores da dinâmica social para tentar conquistar direitos e assim ter mais facilidade em realizar nossos desejos e exercer nossa liberdade.

Voltando a família composta pelas três mulheres, quais poderiam ser as dificuldades que elas encontram durante a vida? Será que a mais nova pode brincar tranquilamente na rua? Será que ao sair à noite, se sentem seguras? Muitos questionamentos podem ser pensados que fazem parte do universo feminino e, para todos eles podemos também nos perguntar: também seria assim para os homens?



O corpo feminino, historicamente, é considerado como impuro, desconhecido e submisso a um homem. Como forma de garantir a redução das violações ao corpo feminino surgem os direitos reprodutivos. Estes envolvem o acesso às informações a respeito de métodos para a contracepção ou para evitá-la, o atendimento à saúde, a decisão sobre ter ou não ter filhos, ter segurança e satisfação sexual, auxílio em casos de gravidez precoce, não sofrer discriminação ou qualquer tipo de violência e pleno exercício da sexualidade.

Os direitos reprodutivos iniciam-se enquanto bandeira política a partir de movimentos feministas que problematizavam os padrões culturais estabelecidos, que enquadravam a mulher à reprodução humana as quais não tinha direito a autonomia e ao prazer sexual. Inicialmente, em 1993, ocorreu a Conferência Mundial de Direitos Humanos de Viena onde, pela primeira vez, os direitos das mulheres foram compreendidos como inseparáveis dos direitos humanos, e onde a sexualidade começa a fazer parte do debate internacional, inclusive no que tange o reconhecimento das violências sexuais. Porém, apenas em 1994, que o estabelecimento da atual conceituação de direitos reprodutivos ocorreu. Representantes



de 179 países estavam na Conferência Internacional sobre a População e Desenvolvimento, que ocorreu no Cairo – Egito, onde foi firmado um Programa de Ação sobre População e Desenvolvimento, cujo diferencial foi o estabelecimento de metas alinhadas aos direitos humanos. Neste, surge o conceito de direitos reprodutivos e sua relação com demais direitos individuais e sociais.

Porém, é importante marcar que existem diferentes características no mesmo grupo, a exemplo das mulheres negras que apesar de serem mulheres, vivenciam outras experiências por conta da cor de suas peles. O período da escravidão negou a humanidade das pessoas negras. Ou seja, se não a população negra não era considerada humana, imagina mulheres. Essa negação dura até hoje, em proporções diferentes, e a batalha diária contra o racismo é pesada e dolorosa. Em conjunto existe a luta contra o machismo, que violenta ainda mais os corpos das mulheres pretas.

Na realidade das mulheres negras a solidão se faz presente nas diversas esferas que compõe a sua vida em sociedade, inclusive na não garantia de acesso às políticas públicas. A violação dos direitos fundamentais dessas mulheres parece ser uma constante que enfrenta dificuldade de se dissolver.

Voltemos a nossa família. Como será que foi para elas lidar com o Zika vírus?

Prevenção de gravidez; não exposição ao vírus; uso de repelentes; cuidar da higiene da própria casa, da comunidade a qual reside, da casa dos vizinhos e, muitas vezes, da casa dos patrões; a microcefalia; o aborto fora de cogitação; o atendimento no posto de saúde; o risco de abandono paterno por conta das chances de uma gravidez com agravos; o futuro incerto. Mesmo compreendendo a importância da sociedade civil, foi perceptível a ocorrência de uma transferência significativa da responsabilidade do Estado para as comunidades periféricas, principalmente para as mulheres. A infestação do *Aedes Aegypti*, transmissor do Zika vírus, ocorreu com maior incidência no nordeste brasileiro, e nestes a periferia foi alvo central. Isso pode ser justificado por conta de alguns

problemas na área de saneamento que envolvem boa parte das periferias brasileiras, são eles: água, esgoto, drenagem de águas e coleta de resíduos sólidos. A não atenção a esses problemas gerou um aumento das áreas que sustentam condições adequadas para a reprodução e criação do mosquito.

Esse fenômeno mantém acesa a necessidade da importância de manter a busca por respeito e por legitimidade social, para fazer valer os direitos e a transformação da realidade, porém é importante centralizar as mulheres negras e os homens negros no debate para conhecer a percepção destes e assim exercer a construção conjunta.

## Metodologias sugeridas

**Apresentação:** A pessoa que está executando a atividade deve falar sobre si, sobre sua trajetória, e demais elementos que considere importante para este momento inicial. Em seguida, se faz interessante o estabelecimento de um contrato, como uma forma de promover um ambiente seguro e confiável para as pessoas ali presentes. É aí onde se deve salientar a importância do sigilo sobre o as narrativas individuais que forem apresentadas. Posteriormente se informa qual atividade será desenvolvida de modo superficial, apenas passando instruções básicas para sua execução.

**Etapa 1:** Cada pessoa deve receber uma poesia ou música impressa (modelo 1) e uma folha de papel em branco. Será demandada a realização de uma primeira leitura individual, como forma de aproximação ao conteúdo do texto. Após esse momento, convide-as para a realização da leitura do texto em voz alta, onde cada participante deverá ler uma parte do texto ao mesmo tempo, onde as que escutam devem escrever nos papéis em branco, elementos ou trechos que mais lhes chamaram atenção. Como sugestão, o papel em branco pode ter o formato ou o desenho de uma boneca (modelo 2). No final, abrir para a fala a respeito

do que lhes foi suscitado, ao mesmo tempo em que a mediadora provoca a reflexão e questionamentos dirigidos acerca dos estereótipos sobre o feminino.

Fechamento: Salientar a importância da reflexão constante acerca das amarras presentes no dia a dia em prol de melhorias; incentivar o estabelecimento de redes protetivas para o apoio no cuidado umas das outras.

## Modelo 1.

### MULATA EXPORTAÇÃO

Elisa Lucinda

*"Mas que nega linda  
E de olho verde ainda  
Olho de veneno e açúcar!  
Vem nega, vem ser minha desculpa  
Vem que aqui dentro ainda te cabe  
Vem ser meu álibi, minha bela conduta  
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!  
(Monto casa procê mas ninguém pode  
saber, entendeu meu dendê?)  
Minha tonteira minha história contundida  
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?  
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaôquê:  
Vem nega, sem eu ter que fazer nada.  
Vem sem ter que me mexer  
Em mim tu esqueces tarefas, favelas,  
senzalas, nada mais vai doer.  
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore  
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.*

*Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”*

*Imagem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.*

*Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”*

*E o delegado piscou.*

*Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena  
com cela especial por ser esse branco intelectual...*

*Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão,*

*Barbaridade, Genocídio*

*nada disso se cura trepando com uma escura!”*

*Ó minha máxima lei, deixai de asneira*

*Não vai ser um branco mal resolvido*

*que vai libertar uma negra:*

*Esse branco ardido está fadado*

*porque não é com lábia de pseudo-primado*

*que vai aliviar seu passado.*

*Olha aqui meu senhor:*

*Eu me lembro da senzala*

*e tu te lembrás da Casa-Grande*

*e vamos juntos escrever sinceramente outra história*

*Digo, repito e não minto:*

*Vamos passar essa verdade a limpo*

*porque não é dançando samba*

*que eu te redimo ou te acredito:*

*Vê se te afasta, não invista, não insista!*

*Meu nojo!*

*Meu engodo cultural!*

*Minha lavagem de lata!*

*Porque deixar de ser racista, meu amor,*

*não é comer uma mulata!*

## E NÃO SOU UMA MULHER? – Sojourner Truth

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

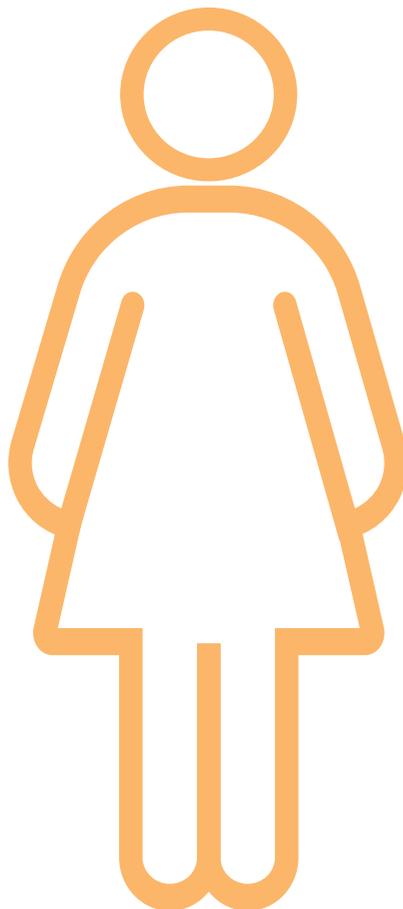
Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem

ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer

Modelo 2



**Apresentação:** A pessoa que está executando a atividade deve falar sobre si, sobre sua trajetória, e demais elementos que considere importante para este momento inicial. Em seguida, se faz interessante o estabelecimento de um contrato, como uma forma de promover um ambiente seguro e confiável para as pessoas ali presentes. É aí onde se deve salientar a importância do sigilo sobre o as narrativas individuais que forem apresentadas. Posteriormente se informa qual atividade será desenvolvida de modo superficial, apenas passando instruções básicas para sua execução.

**Etapa 1:** Inicialmente deve-se dividir a turma em grupos de acordo com a quantidade de integrantes. A mediadora deve portar de material educativo a respeito dos métodos contraceptivos – pode ser textos, utensílios, próteses e outros. Cada equipe será responsável por um dos métodos de acordo com seus próprios interesses, e receberão os materiais trazidos pela mediadora referente a cada um. A ideia é que em equipe, salientando as experiências individuais em diálogo com o material trazido, desenvolvam uma estratégia de explanação do que se sabe sobre tal método para os colegas das demais equipes. Será disponibilizado um tempo médio de vinte minutos para a produção de uma metodologia de apresentação e de cinco a dez minutos para que cada equipe se apresente. Caberá a mediadora o conhecimento a respeito das características dos métodos apresentados para que sejam feitas constatações e adições de informações relevantes sobre tais. Posteriormente, proporcionar um compartilhamento a respeito das novidades aprendidas.

**Fechamento:** Salientar a importância da multiplicação destas informações para os demais espaços de convívio das integrantes.

### **Material Audiovisual de Apoio**

- “O Aborto dos Outros” (2008) - Documentário sobre maternidade, afetividade, intolerância e solidão. A narrativa percorre situações

de abortos realizados em hospitais públicos e situações de abortos clandestinos.

- “Clandestinas - 28 dias para a vida das mulheres” (2014). Dirigido por Fádhia Salomão, conta histórias de mulheres que abortaram ilegalmente no Brasil. Com depoimentos que contam suas próprias experiências e interpretam relatos de anônimas, mostra como a criminalização da interrupção voluntária da gravidez penaliza todas as mulheres.
- “Sou feia, mas tô na moda” (2004). Documentário sobre os bailes funk do Rio, a partir das funkeiras, como Deize Tigrona e Tati Quebra-Barraco.
- “Zika - Um documentário sobre mulheres” (2016). Elas vieram do Cariri, do Sertão e do Alto Sertão da Paraíba, Brasil. São médicas e mulheres comuns. Juntas, fazem ciência e sobrevivem à epidemia do vírus Zika no Brasil. A gravidez é tempo de espera e descoberta.
- “Mulheres do Zika” (2016). Gravação do programa Caminhos da Reportagem sobre o dia a dia de mães que, em decorrência do vírus do Zika, tiveram filhos portadores de microcefalia. A equipe do programa visitou Bahia, Pernambuco e Paraíba, estados com os menores índices de desenvolvimento humano do Brasil e que lideram o ranking de casos de mulheres contaminadas. Entre os entrevistados para o programa estão especialistas em Direitos Humanos, representantes de movimentos sociais, profissionais de saúde além das principais vítimas do Zika vírus na região.
- “Fim Do Silêncio – Um Filme Sobre O Aborto Inseguro” (2008). O documentário traz, pela primeira vez, o depoimento dramático de algumas

mulheres, que falam abertamente, sem esconder rosto nem identidade, como e porque fizeram aborto.

- “Mães Solteiras” (2014). Documentário revela as experiências individuais de mulheres que engravidaram em décadas diferentes, em que o país tinha características culturais muito peculiares ao período em que elas se tornaram mães solteiras. O drama e as diferenças de reações de amigos e familiares, durante e depois da gravidez.
- “Uma História Severina” (2005). O documentário narra a dolorosa peregrinação de Severina, moradora de Chã Grande, no interior de Pernambuco, em busca do direito de abortar o feto sem cérebro que carregava no útero.
- “ACORDA, RAIMUNDO... ACORDA!” (1990). E se as mulheres saíssem para o trabalho enquanto os homens cuidassem dos afazeres domésticos? Essa é a história de Marta e Raimundo, uma família operária, seus conflitos familiares e o machismo, vividos num mundo onde tudo acontece ao contrário.
- “Juno” (2007). Filme de ficção e que a adolescente Juno engravida de seu vizinho. O que era para ser apenas uma tarde de divertimento entre os dois amigos tornou-se um problema com o qual a garota julga ser incapaz de lidar sozinha, já que se sente muito imatura para ser mãe. Eliminando a possibilidade de um aborto, a jovem decide procurar um casal para adoção.
- “Parir é Natural” (2015). O documentário apresenta depoimentos de mulheres que viveram a experiência do parto e o posicionamento de profissionais de saúde, especialistas em parto e nascimento, com o intuito de ampliar o debate sobre a cesárea e todas as suas consequências.

Contraceptivos? O que é isso?

Anteriormente à realização da dinâmica a facilitadora deve buscar imagens (que deverão ser impressas) ou amostras dos tipos de contraceptivos existentes. Se faz necessário também portar materiais informativos a respeito dos métodos que serão disponibilizados. No momento de apresentação ao grupo, a facilitadora deve estar atenta ao clima do grupo para que a maioria das integrantes se sintam confortáveis com a atividade. São bem-vindas brincadeiras e um clima de descontração para facilitar o diálogo. A facilitadora deverá iniciar uma conversa a respeito dos métodos contraceptivos mais conhecidos e/ou utilizados pelos integrantes. A partir disso, deverá provocá-los a respeito da existência de outros métodos não comumente utilizados ou divulgados. A provocação deve enfatizar os preconceitos e fantasias que estão no imaginário dos integrantes, para que se possa trabalhar na desmistificação destes. Porém, serão os próprios integrantes que buscarão desmistificá-los.

O grupo deve ser dividido em equipes, e cada equipe deve ser responsável pela apresentação de um método contraceptivo. Estas apresentações devem ocorrer do modo que o grupo definir (como jogral, seminário, teatro, música...), contanto que respeitem o tempo máximo que deverá ser previamente estabelecido pela facilitadora (recomenda-se de 5 a 10 min a depender do tamanho do grupo).

Serão distribuídos os materiais disponibilizados pela facilitadora assim como se faz oportuno o uso de recursos que os próprios integrantes considerem viáveis no momento, ou seja, quando possível, não devem ficar presos apenas ao material disposto pela facilitadora. Ao final das apresentações é importante convocá-los a reflexão a respeito de quais informações foram aprendidas, o que acharam destas e como podem fazê-las alcançar mais pessoas. O objetivo é possibilitar o acesso ao conhecimento da variedade de métodos existentes de modo a diminuir os preconceitos, estimular a utilização, proporcionar uma postura ativa no processo decisório sobre qual usar e incitar a multiplicação do conhecimento.

## Modelos





# Zika e promoção da saúde

Anna Carolina Cruz

A promoção da saúde não se reduz à ideia de ausência de doenças, mas a compreensão onde tudo o que faz parte da vida é importante – um estado de bem-estar físico e mental, desde o momento no qual fomos concebidos, passando pela nossa espiritualidade, sexualidade e a forma como nos posicionamos na sociedade.

A promoção da saúde se refere às ações sobre os condicionantes e determinantes sociais da saúde, dirigidas a impactar favoravelmente a qualidade de vida. Por isso, caracterizam-se fundamentalmente por uma composição intersetorial e, intra-setorialmente, pelas ações de ampliação da consciência sanitária – direitos e deveres da cidadania, educação para a saúde, estilos de vida e aspectos comportamentais etc.

Automaticamente se insere a reflexão sobre o conceito de determinantes sociais da saúde que são os fatores de ordem social, cultural, étnico/racial, psicológico e comportamental que interferem na saúde individual e populacional. Essas camadas têm como denominador comum o reconhecimento de que as condições de vida e trabalho estão relacionadas com sua situação de saúde. Com isso, percebe-se que a distribuição da saúde e da doença nas populações não é aleatória, mas que obedece a uma divisão desigual dos grupos populacionais.

Criar e dirigir ações para transformação dos determinantes sociais em saúde demanda mexer em estruturas já firmadas, principalmente de poder. A epidemia causada pelo Zika vírus é um exemplo recente da importância da participação dos

diversos setores do Estado – saúde, segurança pública, saneamento, etc. – para melhorias na realidade social. Porém, somente a participação da sociedade civil aliada à atuação dos órgãos competentes possibilitará mudanças de qualidade.

Em 2015, o Ministério da Saúde inseriu o Brasil em alerta sanitário no intuito de pensar formas para lidar com o Zika vírus, pois esse deixou de ser apenas uma virose e se tornou uma doença sexualmente transmissível e uma alteração no desenvolvimento neurológico de bebês contaminados – causando a Síndrome Congênita do Zika Vírus. O desconhecimento do quanto o vírus pode continuar interferindo naqueles que já tiveram a doença após o desaparecimento dos seus sinais aparentes, mantém um alerta sobre as condições reais de controle dessa epidemia.

O Zika vírus demonstrou um potencial de ação que atinge o presente e o futuro e, o não estabelecimento de metas de ação para a melhoria da condição sanitária das comunidades periféricas, nos deixa em alerta sobre o retorno de possíveis variações de doenças transmitidas pelo *Aedes Aegypti*.

Zika é a doença causada por um vírus parecido com outros que já conhecemos. Ela é transmitida entre nós pelo *Aedes aegypti* infectado, da mesma forma que outras doenças como Febre amarela, Dengue e Chikungunya, tendo vários sintomas semelhantes.

São as mulheres em idade reprodutiva, do nordeste do Brasil, em situação de pobreza e negras em sua maioria que estão expostas a epidemia do Zika vírus. Essas mulheres moram em situações inadequadas, com acesso irregular a serviços de saneamento básico, ambiente este que colabora para o desenvolvimento de doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes*.

De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), os Estados do Nordeste estão nas últimas colocações do Ranking nacional. Com destaque para Pernambuco em 19º lugar e a Bahia em 22º, os dois estados onde ocorreram mais casos de Zika vírus e microcefalia.

A epidemia deste vírus e a negligência do Estado na sua desatenção ou no seu investimento insuficiente podem ser pensados como um *case* de racismo institucional e ambiental.

Saneamento básico é um direito fundamental e humano. É o conjunto de medidas adotadas em um local para melhorar a vida e a saúde dos habitantes, impedindo que fatores físicos de efeitos nocivos possam prejudicar as pessoas no seu bem-estar físico mental e social.

Os três níveis de governo são responsáveis (Municipal, Estadual e Federal) em garantir a população brasileira o saneamento básico, de acordo com Lei Federal nº 11.445

## Metodologias sugeridas

**Apresentação:** A pessoa que está executando a atividade deve falar sobre si, sobre sua trajetória, e demais elementos que considere importante para este momento inicial. Em seguida, se faz interessante o estabelecimento de um contrato, como uma forma de promover um ambiente seguro e confiável para as pessoas ali presentes. É aí onde se deve salientar a importância do sigilo sobre o as narrativas individuais que forem apresentadas. Posteriormente se informa qual atividade será desenvolvida de modo superficial, apenas passando instruções básicas para sua execução.

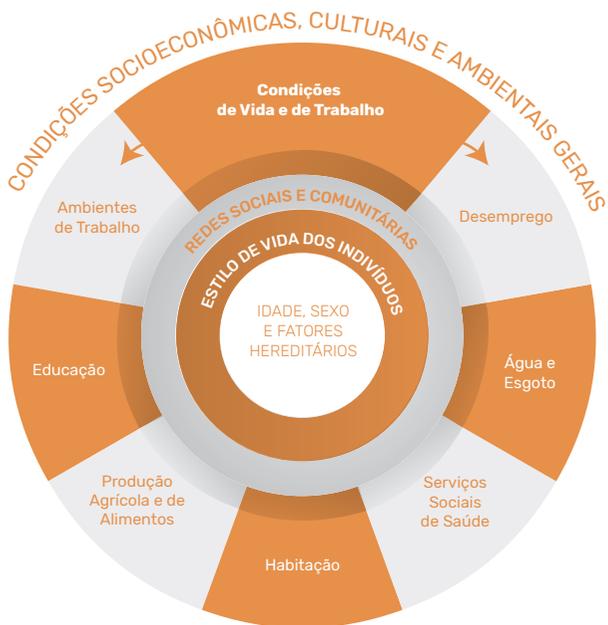
**Etapa 1:** A turma deverá ser dividida em grupos. Cada grupo receberá uma situação-problema a respeito do Zika vírus na qual terá que propor uma intervenção. As situações-problema deverão estar alinhadas a todas as esferas dos determinantes sociais de saúde (Modelo 1) atingidas pelo vírus, por exemplo, uma equipe pode ser responsável por desenvolver estratégias de intervenção para melhorias do saneamento básico das comunidades, enquanto outra equipe poderá intervir a respeito do alto índice de homens com dificuldade de acesso aos

serviços de saúde e uma terceira equipe sobre o acesso das crianças portadoras da microcefalia às creches e escolas.

Etapa 2: Apresentação das estratégias desenvolvidas com tempo médio de 10 minutos para cada equipe, que podem ou não ser lúdicas. Ao final de cada apresentação, abrir um breve momento para considerações dos demais colegas.

Fechamento: Salientar a complexidade da execução da política de promoção da saúde, orientando acerca da importância da fiscalização da sociedade civil sobre as intervenções do Estado.

Modelo 1



## Material Audiovisual de Apoio

- **Saneamento Básico (2007)**. Moradores batalham para conseguir tratamento de esgoto em vila e descobrem que não há verbas para solucionar problema.
- **Revolta da Vacina (1994)**. O documentário mistura esquetes teatrais e depoimentos de médicos, pesquisadores e historiadores, para apresentar a história da varíola, da vacina e da revolta popular de 1904, conhecida como Revolta da Vacina, ocorrida no Rio de Janeiro.
- **Patch Adams – O Amor é Contagioso (1998)**. Filme que retrata a trajetória de Hunter Adams, médico com métodos pouco convencionais no tratamento com pacientes. Patch Adams descobre que o humor e o carinho podem fazer maravilhas e ajudar a curar pessoas hospitalizadas, mas suas ideias entram em conflito com os defensores da medicina tradicional.
- **Cinematógrafo brasileiro em Dresden (2011)**. O material é o primeiro filme científico brasileiro conhecido, marcando o pioneirismo do Brasil e do Instituto Oswaldo Cruz na utilização de imagens em movimento na comunicação e informação em saúde.
- **História da saúde pública no Brasil (2006)**. Trata de como até no início do século XX a saúde era vista como um dever e não um direito da população, enfatizando a luta popular, a busca pela melhoria da saúde em vários momentos da história.



*Sem Mulheres  
Sem Lutas*



*Sou*  
**PROFISSIONAL DE SAÚDE  
E AJUDO NA PREVENÇÃO**  
DAS INFECÇÕES  
**SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS  
E HEPATITES VIRAIS.**



# Zika, igualdade de gênero e direitos sexuais

Jéssica Ipólito

**N**a década de 40, Ataulfo Alves estourava nas rádios com a canção “Ai que saudades da Amélia”, quem não lembra? “Amélia não tinha menor vaidade/ Amélia que era mulher de verdade”. Música que percorre gerações e atualmente ganha contornos críticos de que a mulher que ele tem saudade não existe mais. Embora as mulheres estejam tomando consciência de suas vidas e se tornando cada vez mais independentes, o que prevalece no imaginário popular ainda é a ideia de que mulher boa e de família é aquela que fica em casa cuidando dos filhos enquanto o marido trabalha; a ideia de que mulher de respeito obedece e não passa por cima das regras impostas pelo seu esposo sem reclamar (Amélia não tinha a menor vaidade). As mulheres ainda são cobradas para serem esse estereótipo de mulher dentro de casa, muito embora pesquisas apontem que as mulheres exercem dupla e tripla jornada: trabalhando fora, em casa e cuidando de filhos. Uma jornada extenuante e só as mulheres sabem o dissabor disso. Por vivermos numa sociedade fundada no patriarcado e dominação masculina, as mulheres ainda estão em menor quantidade no mercado de trabalho.

Dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) divulgados no primeiro semestre de 2016 apontaram, dentre outros, que o nível de ocupação das mulheres foi de 44,3%, enquanto que o dos homens chegou a 61% – o nível de ocupação é a proporção entre a população que trabalha e a população em idade ativa.

A herança machista que temos ainda nos faz receber até 70% a menos de salário que os homens. Quando falamos em mulheres negras, esse percentual sobe

para 172% a menos. Para tanto, percebe-se que raça é um fator determinante economicamente e não é por acaso que isso acontece, existe um sistema de exclusão racista atuante que faz com que as mulheres recebam os piores salários e estejam nos trabalhos e ocupações mais precarizados. A porcentagem de mulheres negras (somando as categorias pardas e pretas) em 2011 (PNAD/IBGE) representava 50,2 milhões, sendo metade de população feminina brasileira. No trabalho doméstico, mulheres negras correspondem a um contingente de 61% de trabalhadoras, sendo a maioria dos casos um trabalho invisibilizado, informal e fora das garantias da legislação trabalhistas.

No que tange a política, estamos (re)vivendo, desde o governo de Ernesto Geisel (1974-1979), ainda durante a ditadura militar, uma fase política onde os homens brancos é que comandam a maioria dos Ministérios do governo Temer. Para não dizer que não falou das flores, na Advocacia-Geral da União (AGU) assumiu Grace Maria, advogada e negociadora que já era do time da AGU. Isso demonstra o quanto as mulheres vem sendo empurradas para longe dos cargos de poder, ainda mais no âmbito político de decisão. A ausência de mulheres no corpo político de um país democrática só reflete o quanto a democracia não tem existido.

Sem mulheres nos espaços de decisão não há nenhuma possibilidade de se concretizar a igualdade de gêneros.

Todos os dias é destaque nos jornais locais as mortes de mulheres, seja por seus maridos, namorados ou ex-companheiros. No Brasil, oito casos de feminicídio são registrados por dia segundo Ministérios Públicos estaduais. Segundo o Mapa de Violência 2015, a morte de mulheres negras aumentou em 54% de 2003 a 2013. Essa é mais uma face da desigualdade de gênero onde mulheres morrem pelo fato de serem mulheres. Esse tipo de violência está arraigada na sociedade pois as mulheres ainda são vistas como objetos pertencentes aos homens; somando à falha nas políticas públicas de atenção à mulheres, os casos de feminicídio só aumenta exponencialmente. Segunda a Organização Mundial da Saúde (OMS) o Brasil é o quinto país no Mundo que mais mata mu-

Iheres. Pensando nessas estatísticas assombrosas, podemos ter uma pequena dimensão do que é a vida das mulheres brasileiras, cercada por racismo institucional, violências, menores salários, estereotipação e imposições machistas.

“O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante”. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013).<sup>5</sup>

As mulheres negras correspondem à cifras das desigualdades: estamos na base de todas, sendo constantemente subjugadas e pauperizadas, não obstante, também somos a reação, a resistência ao racismo ambiental e estrutural na sociedade brasileira.

Em 2015 fomos arrebatadas com a negligência e desprezo do poder público para com a situação das mulheres negras acometidas pelo Zika vírus, sobretudo aquelas em estágio gestacional. Nas regiões Norte e Nordeste do país, a situação que sempre calamitosa pelo baixo índice de desenvolvimento das regiões, ou seja, onde o olhar do Estado não quer chegar, as mulheres se viram num profundo e amargo abandono da saúde pública, da educação, empregabilidade, entre outras funções do Estado. A igualdade de gênero pressupõe uma sociedade equânime e justa para homens e mulheres, podendo ocupar posições de lideranças em patamar de igualdade, mas estamos longe desse horizonte. O Brasil está entre os 10 países mais desiguais do Mundo, na 92.ª posição em uma lista de 159 países, segundo o relatório da ONU intitulado de Índice de Desigualdade de Gênero (IDG).

---

5 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/relatorio-final-da-comissao-parlamentar-mista-de-inquerito-sobre-a-violencia-contra-as-mulheres>

Direitos Sexuais tratam diretamente da garantia do livre exercício da sexualidade, ou seja, é o direito que garante a não-discriminação por parte das pessoas, dos aparatos públicos ou privados sobre com quem você se relaciona.

O livre exercício da sexualidade é o ato de poder decidir em que direção seu desejo afetivo-sexual te conduz. As pessoas ou o Estado não podem impor qualquer tipo de regra ou norma sobre quem você deseja se relacionar; a sexualidade é uma esfera íntima e de competência individual que se reflete na sociedade onde ninguém pode achar que sabe o que é melhor para a outra pessoa. Então, se você mulher estiver namorando ou casada com outra mulher, não podem te discriminar por isso. Não podem te destratar ou menosprezar sua sexualidade, é um direito que nós temos de viver livremente nossos desejos e vontades sem a interferência alheia. As políticas públicas devem garantir que tenhamos atendimento humano e equânime nos espaços públicos para que não sejam vítimas de preconceito pelo fato de expressarmos nossa sexualidade.

Este capítulo tem como objetivo oferecer subsídio conceitual e prático para que sejam discutidos Igualdade de Gênero e Direitos Sexuais numa perspectiva de atenção aos impactos do Zika vírus na vida das mulheres. Este material oferecerá sugestão de metodologia para se trabalhar essas temáticas em âmbito individual e coletivo de forma a ser replicado em diferentes espaços, com o público preferencialmente de mulheres jovens e adultas.

## Metodologias sugeridas

Sentadas em formato de roda ou de uma forma que melhor dê para todas se enxergarem no espaço. Para um bom começo opte por uma apresentação livre e descontraída. Você que aplicará a metodologia, dê o primeiro passo comece se apresentando de maneira informal, contando sobre quem você é e um pouco do que faz; essa é uma forma de iniciar uma aproximação com todas as pessoas presentes na atividade, transformando a relação potencialmente hierárquica - “eu

*sei mais que você porque estou aqui ensinando*” em uma relação horizontal e de trocas. As próximas a se apresentarem tenderão a se abrir mais na hora da apresentação, outras talvez não o façam, mas tudo bem pois isso não é um problema. Entender a pluralidade das pessoas é essencial para conduzir atividades em grupos, saber que haverá pessoas mais tímidas e outras mais retraídas faz com que a condução das conversas desperte algo nas mais quietas ou incomode às mais agitadas. Após a rodada de apresentação, conduza a conversa para o passado. É importante nos remete às memórias da infância para tratar do assunto.

Utilizando um material audiovisual que é informado neste Guia, inicie a conversa perguntando o que cada uma lembra da infância: se eram permitidas brincar de tudo, se podiam ir a todos os lugares, se podiam vestir todas as roupas que quisessem, se podiam brincar com todas as crianças... Suscite essas questões e deixe as pessoas falarem do que veem a memória, sem preocupação com certo ou errado. A medida que contam de suas experiências, certamente terão muitas histórias de violência e privação. É interessante fazer ligações de similaridades entre as histórias de vida ali compartilhadas, pois dessa forma as pessoas vão percebendo o que significa, a partir de suas vivências o conceito de gênero.

Melhor do que qualquer definição acadêmica, gênero vai versar sobre as experiências diferentes de se existir como mulher, desde a tenra idade até a velhice, passando por cotidianas violências pelo fato de serem designadas mulheres por terem vaginas. Trazendo ao debate o contexto do Zika Vírus e os impactos na vida das mulheres, provoque perguntas ou faça comentários que dialoguem com o que elas trazem nos discursos. Utilizando material audiovisual abaixo indicado, será mais interativo esse processo e proporcionará uma perspectiva mais ampliada de que todas elas passam por situações de opressão no cotidiano e o quanto o racismo institucional colabora para que essas violências se aprofundem, sobretudo no contexto de Zika vírus.

Segue outro exemplo. Uma atividade para fazer em um grupo de no máximo 10 pessoas, no mesmo esquema de sentar-se em roda para que todas possam

se enxergar; essa proposta é melhor desenvolvida para apresentar conceitos como o de orientação sexual, identidade de gênero, direitos sexuais, igualdade de gênero; facilita um ambiente de fala para dúvidas e esclarecimentos sobre os conceitos que permeiam os debates de gênero e sexualidade. Com auxílio do material audiovisual abaixo, é possível montar um esquema de apresentação individual para apresentar ao grupo, de forma que comece mostrando a palavra e provocando as pessoas para dizer o que entendem, qual significado. A exemplo, a palavra GÊNERO tem múltiplos conceitos mas é possível instigar para que as pessoas ofereçam sua própria perspectiva do que compreendem - ou não - a palavra. A cada palavra-conceito, faça uma breve explicação contextualizada e deixe o diálogo aberto para intervenções, dessa forma estimula-se a participação interativa das pessoas entre você que está apresentando e entre as próprias pessoas participantes.

### Material Audiovisual de Apoio

- Por ser menina - Plan International (2013). Vídeo promocional de campanha um para garantir que todas as meninas do mundo possam aprender, liderar, decidir e progredir. Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (2016). Vídeo de campanha produzido pela CDH - Clínica de Direitos Humanos - UFPCampanha ANA - Direitos sexuais e reprodutivos. Você sabe o que é?
- Chega de Fiu Fiu! Cantada não é elogio | Juliana de Faria | TEDxSaoPaulo
- Meu Corpo, Minhas Regras - Olmo e A Gaivota / My Body, My Rules
- As Justiceiras do Capivari - Documentário sobre um grupo de mulheres que resolveu tomar a frente na batalha contra o estupro, em uma área sem lei da Baixada Fluminense (RJ).
- 25 de Julho: feminismo negro contado em primeira pessoa

**Guia para abordagem sobre a epidemia do Zika vírus**



# Referências Bibliográficas

**Dossiê Violência Contra as Mulheres – Femicídio.** Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/femicidio/>

**O vírus Zika não desapareceu da vida das mulheres. Foi apenas silenciado, por Debora Diniz.** Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/especial-zika-virus/o-virus-zika-nao-desapareceu-da-vida-das-mulheres-foi-apenas-silenciado-por-debora-diniz/>

**Mulheres negras recebem até 172% menos.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-recebem-ate-172-menos>

**Desemprego fecha dezembro em 6,9% e atinge maior taxa para o mês desde 2007.** Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2016-01/desemprego-fecha-dezembro-em-69-e-atinge-maior-taxa-para-o-mes-desde-2007>

DAVIS, Angela. Mulher, Raça e Classe. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

DOMINGUES, Patrícia Mallú Lima et al. Discriminação racial no cuidado em saúde reprodutiva na percepção de mulheres. Texto contexto - **enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 285-292

Estudos Feministas: Manifesto por uma convenção Interamericana dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos. Santa Catarina: Cfh/cce/ufsc, v. 15, jan. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/7749/7118>. Acesso em: 2 ago. 2017.

PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Saúde Coletiva: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Medbook, 2014. 720 p.

REICH, Wilhelm. A Revolução Sexual. Círculo do Fogo, 1982.

REICH, Wilhelm. As Origens Da Moral Sexual. Dom Quixote, 1988.

**Região e redes: caminhos da universalização da saúde no Brasil. As cidades, o mosquito e as reformas.** 2016. Disponível em: <http://www.resbr.net.br/as-cidades-o-mosquito-a-reforma-politica-e-urbana/#.WYDWIoTyyUk>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SANTOS, Darci Neves et al. Documento de posição sobre a tríplice epidemia de Zika-Dengue-Chikungunya. 2016. Observatório de Análise Política em Saúde.

UNFPA. **Relatório da Conferência Internacional sobre população e Desenvolvimento:** Plataforma de Cairo, 1994. Elaborada por Tania Patriota. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>

Agência Nacional de Saúde Parlamentar. **Orientações às gestantes.** Disponível em: <http://www.ans.gov.br/prevencao-e-combate/orientacoes-as-gestantes>

Governo de São Paulo. **Plano Nacional de Enfrentamento da Microcefalia.** 2016. Disponível em: [http://www.cvs.saude.sp.gov.br/up/Irma Neves - SUCEN.pdf](http://www.cvs.saude.sp.gov.br/up/Irma%20Neves%20-%20SUCEN.pdf)

Ministério da Saúde. **Mobilização contra a microcefalia.** 2016. Disponível em: [http://portalarquivos.saude.gov.br/images/campanhas/dengue2015/Broadside\\_Microcefalia\\_20x28\\_V2.pdf](http://portalarquivos.saude.gov.br/images/campanhas/dengue2015/Broadside_Microcefalia_20x28_V2.pdf)

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vírus Zika:** Informações ao Público. 2016. Disponível em: [http://www.ans.gov.br/images/stories/noticias/pdf/Cartilha\\_Zika\\_revisada.pdf](http://www.ans.gov.br/images/stories/noticias/pdf/Cartilha_Zika_revisada.pdf)

PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. **Saúde Coletiva:** Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Medbook, 2014. 720 p.

UNFPA. **Avança plano integrado de resposta ao zika.** 2016. Elaborada por Letícia Ferreira. Disponível em: <http://unfpa.org.br/novo/index.php/noticias/ultimas/1369-avanca-plano-integrado-de-resposta-ao-zika>

UNFPA. **Combate ao zika deve incluir promoção da saúde sexual e reprodutiva de mulheres e jovens, diz Unfpa.** 2016. Elaborada por Tatiana Almeida. Disponível em: <http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/combate-ao-zika-deve-incluir-promocao-da-saude-sexual-e-reprodutiva-de-mulheres-e-jovens>

UNFPA. **Pobreza e desigualdade no auge do surto do Zika vírus. 2016.** Elaborada por Tatiana Almeida. Disponível em: <http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/noticias/pobreza-e-desigualdade-no-auge-do-surto-do-zika-virus>

UNFPA. **Relatório da Conferência Internacional sobre população e Desenvolvimento:** Plataforma de Cairo, 1994. Elaborada por Tania Patriota. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>

**Por ser menina - Plan International (2013).** Vídeo promocional de campanha um para garantir que todas as meninas do mundo possam aprender, liderar, decidir e progredir. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=E3gjHiDO\\_P0](https://www.youtube.com/watch?v=E3gjHiDO_P0)

**Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos (2016).** Vídeo de campanha produzido pela CDH - Clínica de Direitos Humanos - UFP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-3VpAL5iDfl>

**Campanha ANA - Diretos sexuais e reprodutivos. Você sabe o que é?.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lv3Phkn4FdM>

**Chega de Fiu Fiu! Cantada não é elogio | Juliana de Faria | TEDxSaoPaulo.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=BpRyQ\\_yFjy8](https://www.youtube.com/watch?v=BpRyQ_yFjy8)

**Meu Corpo, Minhas Regras - Olmo e A Gaivota / My Body, My Rules.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CafzeA-9Qz8>

**As Justiceiras do Capivari** - Documentário sobre um grupo de mulheres que resolveu tomar a frente na batalha contra o estupro, em uma área sem lei da Baixada Fluminense (RJ). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=49pUMIPABBY>

**25 de Julho: Feminismo Negro contado em primeira pessoa.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J6ev2V-Ee3U>

**Revolta da Vacina (1994).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=amwF-WGMJhUw>

**Cinematógrafo brasileiro em Dresden (2011).** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EmNYg\\_L2XuI](https://www.youtube.com/watch?v=EmNYg_L2XuI)

**História da saúde pública no Brasil (2006).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SP8FJc7YTa0>

Human Rights Watch. Esquecidas e desprotegidas. O impacto do vírus Zika nas meninas e mulheres no nordeste do Brasil. Disponível em: [https://www.hrw.org/sites/default/files/report\\_pdf/wrdzika0717port\\_web.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/wrdzika0717port_web.pdf)

**Tânia Mara Pedrosa Müller. Saúde da População Negra.** Luís Eduardo Batista; Jurema Werneck e Fernanda Lopes (Orgs.) 1ª. Edição - 2012 - De Petrus et Alii Editora Ltda. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_populacao\\_negra.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_populacao_negra.pdf)

**Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) Parte I.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WST6IltiNqI>

**Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) Parte II.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9kTfjX82R4c>





